

eu sou tocantinense  
que nasceu na bahia<sup>1</sup>:  
uma entrevista com a  
escritora **irma**  
**galhardo**

***Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro\****

---

\*Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), ministrando as disciplinas Literatura Infanto-Juvenil e Leitura e Produção de textos. E-mail: [amanda.fernandes@uft.edu.br](mailto:amanda.fernandes@uft.edu.br).

*O Outro me modifica e eu o modifico. Seu contato me anima e eu o animo. E estes desdobramentos nos oferecem ângulos de sobrevida, e nos desselam e nos amplificam. Cada outro torna-se um componente de mim, embora permaneça distinto.*

Patrick Chammoisea<sup>2</sup>

Um dia, a escritora Irma Galhardo<sup>3</sup> resolveu abrir os abraços e os livros para as crianças tocantinenses. E saiu pelos quatro cantos do estado ouvindo histórias para depois registrá-las. Nos seus livros, desfilam a boneca de barro da Ilha do Bananal, o pássaro Mãe da Lua, o Nego d'Água, o Pai da Mata, o pirarucu encantado, a Buiúna e uma série de outros personagens e aspectos – inclusive históricos – tão conhecidos dos moradores locais. Mas nada disto, ainda, estava registrado em livros, especificamente os infantis, e o desafio era absolutamente necessário e encantador.

Segundo Candido (2006, p. 25), “a literatura propriamente dita” compreende um sistema de obras, organizado de forma orgânica em que são essenciais: “um conjunto de produtores literários”, “um conjunto de receptores” e “um mecanismo transmissor” - uma linguagem, a qual se traduziria em estilos. E Irma Galhardo, como contributo a estas primeiras manifestações da literatura infanto-juvenil no Tocantins, tem ido em busca de seu público leitor / seus pequenos receptores através de projetos como: “Caravana de Lendas do Tocantins”<sup>4</sup> (através do qual esteve em mais de 40 cidades do estado, distribuindo livros e plantando árvores) e “Tocantins Poético e

Lendário”, com o qual percorreu 10 capitais brasileiras.

Esta baiana, que primeiro se desloca para Goiás e depois para o Tocantins, constrói sua obra apreendendo temas locais, mas sempre partindo do universo do cordel nordestino. A literatura de cordel é a sua morada primeira e vai assim construindo uma obra que é meio mestiça, que, de certa forma, aproxima diferentes espaços e culturas num “mosaico incerto”, nas palavras de Patrick Chammoiseau, citado pela professora Zilá Bernd, em *Literatura e Identidade Nacional* (CHAMOISEAU *apud* BERND, 2003, p. 27).

## **1) Fale um pouco de sua infância e do seu contato inicial com a literatura.**

Nasci no tempo da poesia, tive uma infância regada a contos de fadas, brincadeiras e cantigas de roda, não havia televisão<sup>5</sup>. Comecei a “recitar” quase que com as primeiras palavras, meu pai, amante da poesia, me colocava em cima de uma pequena mesa e eu declamava como alguém que já carregava verdades. Depois fui morar em uma cidadezinha com apenas 96 habitantes, que tinha uma irresistível biblioteca infantil, além de um rio caudaloso povoado de sucuris. As fantasias dos livros de Lobato (de quem li a coleção completa) e das histórias dos Irmãos Grimm, misturadas a essa realidade fantástica, renderam a matéria necessária para gestar a contadora de histórias. Depois li muito dos clássicos, os dias eram intermináveis e cabiam infinitas leituras, ainda bem!

Na adolescência continuei leitora ávida, fazia amizades com pessoas mais velhas com o intuito de

ter acesso ao conteúdo de suas bibliotecas. Não existia *google*, o conhecimento era garimpado de todas as maneiras. Particpei dos grêmios da escola, memorizava longos poemas de Castro Alves e arrancava lágrimas da plateia. A poesia sempre esteve presente, de todas as formas. Depois fui morar em Goiânia para continuar os estudos. Primeiro teve a fase da Biblioteca Chafariz na Praça Universitária, tempos férteis, de preparo para o temido vestibular e de apropriação das variadas formas de arte que pulsavam ali. A Biblioteca, além do maravilhoso acervo, contava também com um espaço superior, no qual sempre aconteciam exposições de artes, de fotografia, lançamento de livros etc. Então veio o ano de 1986 e eu entrei na Universidade Federal, o Campus exalava poesia, ainda vivíamos os ecos de *Woodstock*. Tive a sorte de ter professores apaixonados que me passaram essa paixão também. Líamos muito, sempre mais do que o exigido, as prateleiras das bibliotecas me deixavam em êxtase, foram muitas as noites em claro. Acabei concluindo apenas o curso de Direito, abandonei letras. Hoje faço o caminho inverso, há muito que abandonei o Direito e abracei a Literatura, inicialmente na prática e atualmente como mestranda em Letras na UFT, onde busco sustentação teórica para minhas experiências literárias de uma vida inteira.

## **2) Você sendo baiana, por que escolheu o Tocantins como principal tema literário?**

Vim morar no Tocantins e percebi que muito precisava ser feito nesse sentido, o estado novo tinha que ter alguém para registrar sua história, cultura e

mitos fundadores. Alguns escritores chegaram antes de mim e produziram suas obras, mas muito ainda há de se realizar, principalmente na literatura infantil – a nossa produção local ainda é bem tímida. Também tem o fato de eu ter me encantado com a riqueza da cultura local, principalmente com as narrativas da tradição oral. Dá uma enorme pena ver tudo isso se perder no tempo, é como disse Amadou Hampâté Bâ: “cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”, não dá para não fazer nada. Tenho projetos ambiciosos de registros da cultura local, pretendo estudar mais para aprimorar minha técnica de escrita e viver bastante para colocar tudo em prática. Mas isso não quer dizer que a Bahia não seja maravilhosa, apenas calhou de eu estar morando no Tocantins no momento em que me vi pronta para o processo da escrita.

## **3) Em que momento de sua vida decidiu que iria criar obras para crianças e adolescentes?**

Sempre tive uma forte identificação com a contação de histórias, então houve uma época que decidi parar de advogar e realizar um trabalho social, fui dar aula em uma creche de periferia. Lá percebi que em agosto, quando as escolas estudavam folclore, o Tocantins importava Saci e Mula-sem-cabeça, pois não tinha seu folclore próprio registrado em formato de literatura infantil. Resolvi, assim, me aprofundar nesse universo, realizei pesquisas, fiz curso de produção cultural para aprender a lidar com os editais, passei a estudar editoração de livros, mergulhei no mundo da literatura infantil (e continuo, ando fazendo até mestrado!), enfim, me preparei e consegui conquistar um espaço, na verdade preenchi uma lacuna existente, por isso deu tão certo.

## 4) Como se dá a pesquisa para a realização dos seus livros?

Eu parto da narrativa oral, converso com pessoas do povo, ouço suas histórias e as reconto em forma de versos. No caso do *Epopéia Tocantinense* foi pesquisa bibliográfica, o livro tem fidelidade histórica, então eu compus os versos a partir de estudos de uma vasta bibliografia, mas os outros infantis foram bebidos na fonte da oralidade. O *Pirarucu Encantado* é uma releitura da lenda do boto adaptada para nossa realidade, pois o pirarucu está mais presente no imaginário popular do tocaninense, além de ser um peixe específico da região amazônica que corre risco de extinção. Primeiro por ser saboroso, depois por ser de fácil captura. O *Pai da Mata* eu ouvi variadas versões com títulos diversos: Pai do mato, Mãe da mata, Mãe do mato, Homem do mato, Índio do mato ou da mata...Optei pelo título de *Pai da Mata*, porque foi o que mais se repetiu. A Buiúna é interessante, porque em cada região que passo ela assume características diferentes, em algum lugar tem chifres, noutra é boazinha. Em Tocantinópolis tem olhos de fogo, em Porto Nacional dorme embaixo de uma igreja, por isso confeccionei cobras de muitas cores para mostrar essa diversidade.

Em minha trajetória absorvo detalhes, por exemplo: dia desses alguém me disse que a casca da Caraíba, árvore nativa do cerrado, é boa para tosse e que os caçadores costumam mastigá-la antes da espera, para não tossir e assustar a caça. Isso para mim é uma informação valiosa, são particularidades

que só quem é testemunha de sua realidade é capaz de reproduzir na literatura. Eu tenho muita coisa assim catalogada. Tenho também histórias colhidas de quilombolas para serem registradas, um projeto aprovado no Edital de Cultura de 2013, do Governo do Estado do Tocantins, que é exatamente para registrar as histórias das anciãs da Comunidade Quilombola do Mumbuca, no Jalapão. Nos mesmos moldes, pretendo registrar as histórias de outras comunidades quilombolas e indígenas daqui.

## 5) O que a levou a se interessar e a escrever sobre as bonecas ritxoko<sup>6</sup>, produzidas pelas índias karajás na Ilha do Bananal?

Tudo que pertence ao universo cultural do Tocantins me interessa. Pretendo escrever muito ainda, nossa cultura é diversa e pouco se registrou a respeito. As vezes penso num tema, faço a pesquisa, chego até a produzir os versos, mas não aparece edital específico para publicar o livro e outros assuntos passam na frente, como é o caso da ritxoko. A boneca ritxoko é patrimônio cultural do Brasil, portanto, a necessidade de se mostrar isso para nossas crianças veio antes de outros trabalhos. Os alunos do Tocantins precisavam conhecer o processo de produção da boneca, saber do que ela é feita e o que representa para a comunidade karajá. Diante disso surgiu o livro, foi lançado inicialmente no Salão do Livro de Genebra, na Suíça, em 2013 e no ano seguinte fui convidada para o Salão do livro de Turim, na Itália. Tenho passado em muitas escolas em que nem mesmo as professoras sabem exatamente o que a boneca significa, muitas crianças nem ouviram falar. Assim, realizamos um trabalho não apenas de incentivo à leitura, mas de fortalecimento da identidade cultural de um povo também.

## **6) Qual a importância da literatura de cordel em sua obra?**

O cordel é quase que minha linguagem natural, sou cordelista desde sempre, me lembro de ainda menina desejar uma profissão de só fazer versos. Mas na minha época de criança existia preconceito em relação à literatura de cordel, os estudos culturais não estavam em voga e a cultura popular não tinha o respeito de hoje. Eu mesma não investia muito na prática da escrita, era só coisa da minha cabeça, minha maneira de narrar o mundo para mim. Hoje é um orgulho me assumir cordelista, elegi essa linguagem em minha produção literária infanto-juvenil porque acredito que é uma boa forma de me comunicar com crianças e jovens. Também porque registro a cultura do povo ribeirinho e do habitante do cerrado de maneira geral, eles possuem costumes e particularidades que adquirem maior carga poética se narrados em forma de literatura de cordel. Meu primeiro livro, o *Epopéia Tocantinense*, é um cordel que conta a história do Tocantins desde 1610 até a atualidade. Procurei dar uma cara de cordel desde a capa, a ilustração é toda em preto e branco com aspecto de xilogravura, pensada exatamente com esse propósito de caracterização. Teve uma ótima aceitação, já venceu três editais de cultura, é paradigmático em quase todas as escolas particulares de Palmas e na rede pública está nas bibliotecas dos 139 municípios do estado. Os outros livros não têm o mesmo formato, porém a linguagem é a do verso popular.

Também tem minhas experiências com oficinas, sou oficineira e já ministrei oficinas para centenas de alunos em várias partes do estado. Além de ter executado o projeto Mais Cultura na Escola, do Governo Federal. Nele eu ministrei oficinas de Literatura de Cordel por um semestre na ETI Monsenhor Pedro Pereira Piagem, aqui em Palmas.

## **7) Como se dá a escolha dos ilustradores de suas obras? Você interfere, dá sugestões?**

Meu objetivo é que o livro seja um casamento entre as artes plásticas, a literatura e o regional, então convido artistas plásticos e proponho a parceria. Realizamos alguns encontros para chegar a um formato desejado, eles também fazem pesquisas sobre o tema e no final eu dou opinião nas cores, em algum detalhe e peço mais flores, sempre. Meu desejo é que tivessem muitas flores, nosso cerrado é tão lindo!

## **8) Você idealizou projetos de formação de leitores com os quais você tem circulado por todo o Tocantins e diversas capitais brasileiras, como se dá este encontro com o público e quem lhe financia?**

Eu tenho dois projetos de circulação: A Caravana de lendas do Tocantins e o Tocantins Poético e Lendário. Com o Tocantins Poético e Lendário eu circulei por 10 estados através de edital da Biblioteca Nacional. Estivemos nas maiores bibliotecas do país, mostrando não apenas a literatura, como também elementos da cultura tocantinense. Foi de suma importância para nossa literatura porque entramos em grandes bibliotecas pela porta da frente, hoje temos nossos livros, meus e

de muitos outros escritores que escrevem sobre o Tocantins, fazendo parte dos acervos de bibliotecas espalhadas pelo Brasil. Temos uma página do projeto com sinopse dos livros de muitos escritores, além dos registros fotográficos, e pretendemos dar continuidade às ações de circulação assim que houver edital que contemple esse formato.

Com a Caravana de Lendas do Tocantins eu circulei por 41 municípios, primeiro com patrocínio do Edital Amazônia Cultural 2013, do Ministério da Cultura, depois pelo Edital de patrocínio do Banco da Amazônia-BASA 2015. Em 2016, o projeto venceu o Prêmio Brasil Criativo na categoria Culturas Populares, ficou em primeiro lugar no Brasil, uma alegria imensa! Em 2017, foi aprovado na Lei Rouanet e está em fase de captação, circularemos por 100 escolas públicas de Palmas e cidades vizinhas. Este ano de 2018, vencemos o Prêmio Selma do Coco de Culturas Populares, do MinC. O projeto Caravana de Lendas consiste na circulação de autora e obras, levando livros, contação de histórias, oficina de cordel, plantio coletivo de árvores e acesso cultural aos jovens estudantes das escolas públicas do Tocantins. Mais que um projeto de leitura é também resgate de valores e fortalecimento da identidade cultural do povo tocantino, que não tinha seu folclore registrado para a literatura infantil e que com o projeto passa a ter acesso aos livros que retratam sua cultura. Veja mais em: <http://caravanadelendasdotocantins.blogspot.com/>

É importante ressaltar que o Caravana de Lendas do Tocantins está atrelado à minha pesquisa de mestrado, estudo Letramento Literário. Após a sua conclusão, pretendo dar continuidade ao projeto realizando ciclos completos de estratégias de letramento. Com isso, o Caravana de Lendas do Tocantins vai circular pelos 139 municípios do estado, de maneira mais assertiva. Já tenho até planos para o doutorado: continuar com essas práticas sociais de leitura em assentamentos, buscando estabelecer relações entre a pedagogia de Paulo Freire com a do nosso Padre Josimo.

**9) A sua graduação foi em Direito na UFG, área na qual se prima por um tratamento bastante formal da linguagem oral e escrita, em que esta formação inicial lhe ajuda agora como escritora?**

Ajuda no sentido prático, pois como atuo com projetos culturais estou sempre tendo que redigir comunicados oficiais e documentos como ofícios, relatórios etc. Tem também a questão da Lei Rouanet, eu mesma fiz todo o projeto sozinha e consegui aprová-lo, coisa que dificilmente conseguiria se não fosse familiarizada com a realidade das leis. Graças a esse conhecimento jurídico não precisei contatar especialista e aprovei um projeto que circulará por todas as escolas públicas de Palmas, projeto esse que está vinculado ao meu projeto de pesquisa de mestrado e que certamente abrirá novas portas, além de impactar positivamente mais de 30 mil crianças de baixa renda.

**10) A cultura popular, o diálogo com as comunidades indígenas e remanescentes de quilombos parecem ser alguns dos seus interesses centrais. Finalize destacando a importâncias destes três aspectos em sua obra.**

Eu me empenho mais quando se trata de minorias porque sei da obrigação social que temos, procuro contribuir na luta com a arma que porto, que é a escrita. Quando levo a boneca ritxoko para o Salão do Livro na Suíça, chamo a atenção daquelas pessoas para a existência de um grupo indígena daqui, que produz um artesanato com valor antropológico. Quando eu narro a história de Félix José, o herói que lutou na Guerra do Paraguai e que recebeu as terras da Comunidade Quilombola da Barra da Aroeira como soldo de guerra, estou chamando a atenção das pessoas para essa comunidade tão necessitada de apoio e para a legalização de um espaço que é seu por direito.

Ainda no século passado eu estava em Tocantinia e umas crianças ribeirinhas me contaram a história da Buiúna. Segundo elas a Buiúna era uma cobra tão caudalosa quanto o rio Tocantins, tão grande que quando mergulhava a água saía do leito, pois não cabiam as duas coisas. Eu fiquei tão fascinada que decidi que precisava registrar tudo isso, acho que foi ali que brotou em mim o desejo de trabalhar com essa e para essa realidade.

## Referências

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

GALHARDO, Irma. *Epopeia Tocantinense*. 2. ed. Palmas: Edição de autor, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ritxoko*. Palmas: Edição de autor, 2013.

\_\_\_\_\_. *Pirarucu Encantado*. Palmas: Edição de autor, 2012.

\_\_\_\_\_. *A Buiúna*. Palmas: Edição de autor, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pai da Mata*. Palmas. Edição de autor. 2012.

## Notas

<sup>1</sup> Trata-se de um mote que a entrevistada utiliza em suas apresentações, ouvi pela primeira vez em sua palestra no XI Encontro Internacional de Escritoras em Brasília, 2014

<sup>2</sup> Ver: BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 27-28.

<sup>3</sup> Irma Galhardo é escritora, poeta e mestrandia em Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT). É também Graduada em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e em História da África e do Negro no Brasil. E-mail: irmagalhardo@hotmail.com.

<sup>4</sup> 1º lugar na categoria Culturas Populares do “Prêmio Brasil Criativo” em 2016.

<sup>5</sup> A autora nasceu na cidade de Correntina e depois mudou-se para Colônia do Formoso, também na Bahia, porque seu pai trabalhava na CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco.

<sup>6</sup> GALHARDO, Irma. *Ritxoko*. Palmas: Irma C.S. Galhardo, 2013.